

DIA DO IDOSO - Texto para revista da igreja de S Judas Tadeu, SP – por solicitação de Pe. João Luiz - 27 / maio / 2015

Enviado: 06/06/2015

Vamos conversar sobre o idoso?

No Brasil, comemorávamos o Dia do Idoso em setembro. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS – órgão ligado à Organização das Nações Unidas, ONU) decretou como Dia Internacional do Idoso a data de 1º de outubro, e o Brasil resolveu adotar essa data desde então. Para os católicos, há ainda mais um momento no calendário que convida a refletir sobre o idoso: a festa de comemoração dos avós de Jesus, pais de Maria, Sant’Ana e São Joaquim, o que ocorre no dia 26 de julho.

Por que será que em nossa sociedade esbarramos com atitudes punitivas em relação a velhos? Por que eles são desvalorizados, por vezes abertamente, por vezes com sutileza, por exemplo, através de ironias que se pretendem engraçadas mas que de verdade são humilhantes, ou então quando se infantiliza o idoso, seja na forma do tratamento que lhe é dado, seja forçando-o a uma dependência exagerada, da qual ele não tem necessidade, seja desconsiderando suas preferências e opiniões?

Como está organizada, nossa sociedade considera as pessoas como instrumentos que têm por obrigação ser úteis; as pessoas têm valor se são produtivas. Essa crença generalizada – a qual questiono veementemente! – está arraigada no adulto jovem, no adolescente e... no próprio adulto maduro! Ele também aprendeu assim! Aliás, o jovem que se orienta por preconceitos contra a velhice deveria se dar conta de que está também tendo um preconceito contra ele mesmo no futuro.

Segundo esse modo de pensar, a idade cronológica é nossa característica definidora: quando nos tornamos velhos, somos esvaziados de paixões, capacidades e experiência, ficamos cheios de fragilidade e sofreremos um declínio generalizado. Pessoas idosas são portanto vistas como um fardo e como um dreno de recursos.

O idoso de hoje traz com ele uma história. Batalhou, estudou, sofreu, teve perdas, teve vitórias. A maioria constituiu família, criou filhos que já cresceram. Aposentado, não mais responsável por outras pessoas, se sente amargurado e atônito com todo o tempo disponível, que não sabe como preencher, com a liberdade que lhe é apresentada e que não sabe como aproveitar. É preciso reformular a crença de que não tem mais valor porque se tornou alguém inútil em termos de produtividade!

Nessa fase começa um novo momento, em que estar livre para ter lazer, ter prazer, seguir as próprias vontades, são um direito indiscutível. Foi-se o tempo de travar batalhas, de amearhar, de construir: chegou o tempo de gozar e de devolver ao mundo o que dele recebeu. De trocar o verbo “precisar” e “dever” por “gostar” e “querer”. Atribui-se aos idosos a característica da serenidade; só que eles também são capazes de saborear a vida, mesmo que já tenham limitações físicas, porque são mais livres, uma vez que podem ligar menos para o que os outros pensam, enquanto o senso do que é de fato importante aumenta; experienciam a vida com mais intensidade, porque sabem que ela não vai durar para sempre.

Resistir à idade é um modo tolo de resistir à vida. Não podemos viver fora do tempo. O movimento de aceitação da idade não despreza nem nega o processo de envelhecimento. Reconhece que se pode permanecer vital e presente, engajado e curioso, e continuar a crescer, até o último suspiro. Tornar a vida dos idosos, cada vez mais numerosos, confortável e significativa é um ponto fundamental de igualdade, que beneficiará as pessoas de todas as faixas etárias.

Podemos aproveitar o dia de Sant’ana e São Joaquim para rever até que ponto essa gerontofobia foi internalizada por nós mesmos, sejamos jovens ou maduros, pois ela costuma passar despercebida, e sobretudo questionar se nosso conceito de valor da pessoa humana fica subordinado ao grau de produção que ela oferece para a sociedade. Podemos também fazer um exercício de criatividade e imaginar situações viáveis, familiares e sociais, que sejam prócias às necessidades dos nossos idosos.

* * *